



FRANÇA

Nicolas Sarkozy torna-se o primeiro ex-presidente do país sentenciado pela Justiça. Ele foi condenado a cinco anos de prisão por receber fundos ilegais de financiamento de campanha do regime líbio de Muammar Kadhafi. Conservador desafiou o veredicto

Do poder à cadeia

» RODRIGO CRAVEIRO

Entre 2007 e 2012, o conservador Nicolas Sarkozy, 70 anos, ocupou o posto mais alto do Palácio do Eliseu. Treze anos depois, deixou o Tribunal de Paris, ontem, na condição de condenado a cinco anos de prisão. A Justiça o considerou culpado em um caso de corrupção que envolve o suposto financiamento ilegal de sua campanha eleitoral por parte do regime líbio de Muammar Kadhafi. Acompanhado da esposa, a cantora, modelo e atriz Carla Bruni-Sarkozy, 57, e dos três filhos, o ex-presidente francês adotou um tom desafiador. “Vou dormir na prisão com a cabeça erguida. Sou inocente”, reagiu Sarkozy, ao classificar a própria condenação de “extrema gravidade para o Estado de Direito” e de “injustiça insuportável”. “O ódio não tem limites”, acrescentou.

Com a decisão da Corte, ele se tornará o primeiro presidente da história da França a ser preso. A condenação pelo crime de associação criminosa segue outras duas por corrupção, tráfico de influência e financiamento ilegal de campanha. Apesar de ter perdido a Legião de Honra, principal honraria francesa, nunca ficou sequer um dia na prisão. Dessa vez, nem mesmo o recurso o livrará de cumprir a pena. Em 13 de outubro, a Justiça anunciará a data em que Sarkozy será preso. A acusação de tentativa de suborno a um juiz, sete anos antes, fez com que, em 2021, o ex-presidente recebesse a pena de um ano de detenção. Mas o Tribunal de Apelações de Paris determinou que Sarkozy poderia permanecer preso em casa, com uma pulseira eletrônica.

Além da pena de cinco anos de prisão pelo esquema de financiamento de campanha com o regime de Kadhafi, Sarkozy terá que pagar multa de 100 mil euros (ou cerca de R\$ 626 mil). A juíza Nathalie Gavarin, presidente do Tribunal de Paris, explicou que Sarkozy teria “permitido que colaboradores próximos (...) atuassem (junto à ditadura de Kadhafi) com o objetivo de obter apoios financeiros”.

O político francês teria recebido milhões de euros em fundos ilícitos de Trípoli. A promotora alega que, em troca do dinheiro, Sarkozy prometeu ajudar Kadhafi a salvar sua reputação na condição de líder rejeitado pelo Ocidente. Um dos advogados de Sarkozy, Jean-Michel Darrois admitiu que seu cliente está “abalado” com o veredicto e citou os efeitos práticos da condenação sobre a esposa e os filhos do ex-presidente. “Estamos absolutamente estupefatos com esta decisão”, disse o defensor.

Evidências

Cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, em

Julien De Rosa/AFP



Sarkozy com a esposa, Carla Bruni, chega ao Tribunal de Paris: “Vou dormir na prisão com a cabeça erguida; sou inocente”

Personagem da notícia

Animal político de sangue misturado

Nicolas Sarkozy experimentou o céu e o inferno em 18 anos. Conhecido por suas declarações contundentes e considerado por muitos especialistas como um “animal político”, “Sarko” construiu a carreira com um posicionamento de linha-dura contra a criminalidade, os migrantes e o islã, sustentado por uma imagem de “presidente dos ricos” e amante da ostentação. Depois de governar a França entre 2007 e 2012, perdeu as eleições para o socialista François Hollande naquele ano e, em 2016, sofreu novo revés nas primárias de seu partido conservador União por um Movimento

Popular. Com isso, afastou-se da vida pública, depois de vangloriar-se de ter uma energia hiperativa.

Marido da modelo, cantora e atriz Carla Bruni-Sarkozy, Nicolas Sarkozy disse: “Chegou a hora para mim de despertar mais paixão privada e menos paixão pública”. Era o fim de 33 anos de carreira política. Nascido em 28 de janeiro de 1955, este homem de baixa estatura, moreno e de olhos azuis, apaixonado pelo futebol e pelo ciclismo, tem um perfil atípico para a classe política francesa.

Não vem da alta burguesia, nem passou por uma universidade renomada, ao contrário da maioria de seus pares. Filho de um imigrante húngaro, criado por sua mãe e seu avô grego, se apresentava como um “francês de sangue misturado”. Prefeito aos 28 anos de um rico

subúrbio de Paris, Neuilly-sur-Seine, deputado aos 34, ministro aos 38, superou todos os obstáculos até ser eleito chefe de Estado aos 52 anos, em sua primeira tentativa em 2007.

Durante sua carreira, Sarkozy forjou uma sólida reputação de uma personalidade enérgica, mas seus críticos o acusam de ser impulsivo demais, como quando gritou “Casse-toi pauvre con!” (“Desapareça, idiota!”) a um homem que se negou a lhe apertar a mão. Criticado por seu gosto pelo dinheiro e a exposição de sua vida privada, Sarkozy foi o primeiro presidente francês a se divorciar durante o mandato, antes de se casar em 2008 com Carla Bruni, com quem teve uma filha. Ele tem outros três filhos com suas duas primeiras mulheres.

Paris, Jean-Yves Camus afirmou ao **Correio** que o juiz disse não existir evidências da participação pessoal de Sarkozy em atos de corrupção. “Ele foi condenado com base em uma disposição do Código Penal Francês que pune aqueles

que se envolvem em uma preparação concertada, ou em uma ação, que seja ilegal. Sarkozy nega qualquer irregularidade”, comentou. “Em outras palavras, o juiz reconhece não haver provas concretas de que ele tenha ordenado que

dois de seus aliados políticos mais próximos obtivessem dinheiro da Líbia. No entanto, lembrou que o dinheiro de Kadhafi foi usado na campanha eleitoral, e que o ex-presidente francês tomou a iniciativa, ou pelo menos tolerou, a ação de

seus dois assessores quando viajaram à Líbia para se encontrar com um alto funcionário do regime de Kadhafi. Isso é, na melhor das hipóteses, culpa por associação. Mas não é suficiente para uma sentença tão severa.”

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

Abbas nega influência do Hamas em governo

Pela primeira vez, desde 2010, o presidente da Autoridade Palestina, Mahmud Abbas, não discursou da tribuna da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Impedido de viajar a Nova York, depois de ter o visto negado pelo governo de Donald Trump, o líder palestino enviou uma mensagem de vídeo à sede da ONU e denunciou o genocídio na Faixa de Gaza.

Abbas deixou claro que o movimento islamita Hamas — que controla Gaza e se considera parte da resistência — não terá influência no governo de um futuro Estado da Palestina. “O Hamas não desempenhará nenhum papel na governança. O Hamas e outras facções terão que entregar suas armas à Autoridade Nacional Palestina”, avisou. Abbas também foi enfático em condenar o massacre de 7 de outubro de 2023, quando o Hamas invadiu, por terra, ar e mar, o sul de Israel, executou mais de mil pessoas e sequestrou centenas de reféns.

“Apesar de tudo o que nosso povo sofreu, repudiamos o que o Hamas fez em 7 de outubro, ações que tinham como alvo civis israelenses e os tomaram como reféns, porque estes ataques não representam o povo palestino, nem

representam sua justa luta pela liberdade e independência”, disse o presidente palestino. “Repudiamos que se confunda a solidariedade com a causa palestina e a questão do antisemitismo, algo que rejeitamos com base em nossos valores e princípios”, acrescentou.

Embaixador

Em entrevista ao **Correio**, Ibrahim Alzaben, embaixador palestino no Brasil, afirmou que Abbas foi bem claro e preciso em suas palavras e em seu posicionamento. “O Hamas faria parte do poder, caso reconhecesse a plataforma política da Organização para a Libertação da Palestina (OLP), que se baseia no direito internacional e no respeito aos acordos assinados”, observou. “O mais importante, para mim, foi essa reafirmação do compromisso com o direito internacional e a insistência de que ele deve ser implementado, além de se colocar em prática as resoluções relacionados à questão palestina”, acrescentou o diplomata.

Durante o discurso, Abbas também instou a criação de um comitê liderado pela Autoridade Palestina para a governança temporária da Faixa de Gaza. Em relação

Timothy A. Clary/AFP



Mahmud Abbas fala a líderes mundiais por meio de telão: impedido de viajar aos EUA

a um Estado palestino, ele explicou que o seu povo deseja um Estado moderno e uma transição pacífica. Para isso, colocou-se à disposição para trabalhar com os EUA, a Arábia Saudita e a França para concretizar um plano que prioriza uma solução para o conflito árabe-israelense baseada em dois Estados. “Não pode haver justiça se a Palestina não for livre”, disse.

O líder palestino evitou tecer críticas diretas ao presidente americano, Donald Trump. Ele prometeu que os moradores

de Gaza não abandonarão Gaza. “A Palestina é nossa. Não deixaremos nossa terra. Não deixaremos nossa pátria. Nosso povo está enraizado com as oliveiras”, declarou. Também condenou Israel por “crimes de guerra” e por “um dos capítulos mais horripantes dos séculos 20 e 21”.

Após conversa com o premiê de Israel, Benjamin Netanyahu, Trump anunciou que um acordo sobre Gaza “está bem próximo” e disse que não permitirá que Israel anexe a Cisjordânia. (Rodrigo Craveiro)

Desvio de rota



Presidência da Argentina/AFP

A viagem de Benjamin Netanyahu (D) até Nova York teve percurso nada convencional. O avião do premiê de Israel cruzou o território sobre a Grécia e a Itália, mas depois fez uma guinada ao sul, em direção ao Estreito de Gibraltar. Tudo para evitar o espaço aéreo de países que respeitam as decisões do Tribunal Penal Internacional (TPI), o qual emitiu ordem de prisão contra Netanyahu. Após desembarcar em Nova York, o israelense se reuniu com o presidente argentino, Javier Milei (E). Netanyahu discursará hoje, na Assembleia Geral da ONU. “Eu falarei a nossa verdade: a verdade dos cidadãos de Israel, a verdade dos soldados, a verdade da nossa nação”, declarou. “Eu condenarei aqueles líderes que, ao invés de condenar os assassinos, estupradores e queimadores de crianças, querem dar a eles um Estado no coração de Israel.”

Eu acho...



Arquivo pessoal

“Apesar da condenação, Nicolas Sarkozy continua sendo uma figura respeitada na direita, e muitos conservadores dizem que a decisão tem motivações políticas. Ele pode se vingar, quando as eleições chegarem, dizendo quem é o melhor candidato da direita. Há até rumores de que, caso a eleição presidencial oponha Marine Le Pen a Jean-Luc Mélenchon, ele apoiará Le Pen.”

Jean-Yves Camus, cientista político do Instituto de Relações Internacionais e Estratégicas, em Paris



O que aconteceu hoje... é de extrema gravidade em relação ao Estado de Direito e à confiança que se pode ter no sistema de justiça”

Nicolas Sarkozy, ex-presidente da França